

JOANA ISABEL BELÉM DA SILVA

TRABALHAR A AUTONOMIA DE CRIANÇAS EM IDADE
PRÉ-ESCOLAR – ESTUDO NUMA SALA DE 5 ANOS



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

2023

JOANA ISABEL BELÉM DA SILVA

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada para a obtenção de grau de
Mestre em Educação Pré-Escolar

TRABALHAR A AUTONOMIA DE CRIANÇAS EM IDADE
PRÉ-ESCOLAR – ESTUDO NUMA SALA DE 5 ANOS

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Professora Doutora Maria Leonor Borges



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

2023

**TRABALHAR A AUTONOMIA DE CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR –
ESTUDO NUMA SALA DE 5 ANOS**

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser autora deste trabalho, que é o original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Copyright

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

Para a realização do presente Relatório colaborou de forma inestimável a
Mestre Ivone Silva, docente supervisora da Prática de Ensino
Supervisionada (PES).

AGRADECIMENTOS

Este foi um percurso longo, com vários desafios e obstáculos pelo meio, porém a força de vontade leva-nos sempre aos nossos objetivos.

Ser educadora de infância é um sonho que está cada vez mais perto de se realizar e, por isso, agradeço a todos os que passaram pela minha vida e contribuíram de certo modo para estar aqui.

Assim, quero agradecer:

À minha orientadora, Professora Doutora Maria Leonor Borges, que me apoiou e ajudou nos momentos mais difíceis deste longo caminho, com vários percalços durante o processo;

À educadora cooperante, Rita Gregório, que me ajudou a crescer e a refletir no que toca a ser educadora;

Aos meus pais pela força, incentivo, motivação e apoio que sempre me deram, foram sem dúvidas, o meu maior pilar nesta jornada;

À minha irmã pela amizade e apoio que sempre me deu;

Ao meu namorado, que me apoiou, motivou e esteve sempre presente neste capítulo tão importante da minha vida pessoal e académica.

Às minhas amigas, Catarina e Margarida, pela amizade, carinho e apoio. Embarcámos juntas na licenciatura e desde então temos vivido momentos maravilhosos.

À minha amiga Rita Gonçalves, que sempre se mostrou disponível para me ajudar a nível pessoal e académico.

A todos os que, de algum modo, passaram pela minha vida um muito obrigado.

RESUMO

Este relatório centra-se em compreender o modo como podemos promover a autonomia em crianças em contexto de educação pré-escolar e foi realizado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), do Mestrado em Educação Pré-escolar. É essencial promover a autonomia desde cedo nas crianças, para que estas se tornem mais confiantes e capazes de acreditar em si mesmas. A autonomia é a capacidade de desempenhar determinadas tarefas, mas também de ser capaz de pensar e exprimir opiniões.

O presente estudo partiu das questões de investigação “como desenvolver a autonomia em crianças em idade pré-escolar?” e “qual a influencia das rotinas na promoção da autonomia?”. O objetivo geral da investigação é como pode ser desenvolvida a autonomia em crianças em idade pré-escolar.

O estudo de carácter qualitativo, na forma de investigação-ação, na recolha de dados recorreu à observação participante, ao registo em grelhas, à análise documental, à entrevista semiestruturada e entrevista estruturada, respetivamente, à educadora cooperante e às crianças. O estudo realizou-se numa instituição de educação pré-escolar do distrito de Faro e contou com a participação de 19 crianças. Os dados recolhidos foram objeto de tratamento, análise e interpretação para responder aos objetivos definidos.

Dos resultados infere-se que a autonomia pode ser desenvolvida através das rotinas diárias, promovendo oportunidades de aprendizagem através da experimentação e, que a rotina contribui para a autoconfiança das crianças, pois estas conseguem prever o momento que se segue e desempenhar as tarefas com mais certeza e confiança. Ao longo do estudo foi possível compreender a importância da organização do espaço e do tempo focado nos interesses do grupo, que só assim permitirão à criança tornar-se mais autónoma no seu quotidiano. Do mesmo modo, é essencial que o/a educador/a de infância compreenda a necessidade de dar tempo às crianças, para tentarem e falharem, num processo que as tornará mais confiantes em si.

Palavras-chave: Educação Pré-Escolar, Autonomia, Independência, Rotinas Diárias.

ABSTRACT

This report focuses on understanding how we can promote autonomy in children in the context of preschool education and was carried within the scope of the Supervised Teaching Practice (PES), of the Master in Preschool Education. It is essential to promote autonomy in children from an early age so that they become more confident and capable of believing in themselves. Autonomy is the ability to perform certain tasks, but also to be able to think and express opinions

The present study departed from the research questions “how to develop autonomy in preschool children?” and “what is the influence of routines in promoting autonomy?”. The general objective of the investigation is how autonomy can be developed in preschool children.

The qualitative study, in the form of action research, collected data using participant observation, recording in grids, document analysis, semi-structured interview and structured interview, respectively, with the cooperating educator and the children. The study was carried out in a preschool education institution in the district of Faro and had the participation of 19 children. The collected data was treated, analysed and interpreted in order to respond to the defined objectives.

From the results, it is inferred that autonomy can be developed through daily routines, promoting learning opportunities via experimentation, and that routine contributes to children's self-confidence, as they are able to predict the moment that follows and perform tasks with more certainty and confidence. Throughout the study, it was possible to understand the importance of organizing space and time focusing on the interests of the group, which is the only way to allow the child to become more autonomous in their daily lives. Likewise, it is essential that the kindergarten teacher understands the need to give children time to try and fail, in a process that will make them more confident in themselves.

Keywords: Preschool Education; Autonomy; Independence; Daily Routines.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	i
RESUMO	ii
ABSTRACT	iii
ÍNDICE	iv
ÍNDICE DE FIGURAS	vi
ÍNDICE DE TABELAS	vi
LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS	vii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	3
1.1 O conceito de autonomia na Educação Pré-Escolar	3
1.2 A importância do/a educador/a na promoção da autonomia	4
1.3 Organização dos espaços, materiais e das rotinas diárias	5
1.4 A importância da relação Jardim de Infância-Famílias	6
CAPÍTULO II - METODOLOGIA	9
2.1 Questões de investigação	9
2.2 Objetivos de investigação	9
2.3 Natureza do estudo	9
2.4 Investigação-Ação	10
2.5 Participantes do estudo	11
2.6 Técnicas de recolha de dados	12
2.6.1 Observação participante	13
2.6.2 Diário de campo	13
2.6.3 Entrevista estruturada	14
2.6.4 Entrevista semiestruturada	14
2.6.5 Análise documental	15
2.7 Desenho do estudo	16
2.8 Questões éticas	16
CAPÍTULO III – INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	18
3.1 Atividade “Realiza um Projeto em Família”	19
3.2 Atividade “Vamos comer tanto como a lagartinha”	20
3.3 Atividade “Isto não é uma caixa”	22
3.4 Construção de um “Mapa de Presenças”	23
CAPÍTULO IV – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	25
4.1 As atividades de rotina diária como promotoras da autonomia das crianças	25

4.2	Compreender o contributo da família para a promoção da autonomia	30
4.3	Conhecer as conceções da educadora cooperante sobre autonomia.....	31
4.4	Identificar estratégias de promoção da autonomia	33
CONCLUSÕES		34
REFLEXÃO FINAL.....		36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....		37
APÊNDICES		39
Apêndice A- Guião entrevista semiestruturada		40
Apêndice B- Autorização de recolha de imagens		45
Apêndice C- Guião entrevista estruturada às crianças.....		46
Apêndice D- Exemplo de tabela de avaliação da autonomia (avaliação realizada no início do estudo)		47
Apêndice E- Diário de campo		48

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 2.7.1- Desenho do estudo.....	16
Figura 3.1.1- Projeto "A lagartinha"	20
Figura 3.1.2- Projeto "O jogo"	20
Figura 3.1.3- Projeto "O avião"	20
Figura 3.2.1- Momento de descascar a fruta	21
Figura 3.2.2- Utilização da faca	21
Figura 3.2.3- Construção de uma espetada seguindo um padrão	22
Figura 3.3.1- Projeto Circo e Magia	23
Figura 3.3.2- Projeto Robot	23
Figura 3.4.1- Construção Mapa das presenças	24
Figura 4.1.1- Emprego do uso dos talheres	26
Figura 4.1.2- Autonomia no vestir/despir	26
Figura 4.1.3- Capacidade de atar os cordões	27
Figura 4.1.4- Resolução de conflitos	28
Figura 4.1.5- Responsabilidade e autonomia nas atividades	29

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 2.5.1- Caracterização do grupo por sexo e idades	12
Tabela 3.1- Planificação das atividades	18
Tabela 4.2.1- Respostas às entrevistas estruturadas.....	30

LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS

OCEPE- Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

Jl- Jardim de Infância

PCG- Projeto Curricular de Grupo

PE- Projeto Educativo

INTRODUÇÃO

O presente relatório foi realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve e, teve como objetivo compreender como promover a autonomia de um grupo de crianças em educação pré-escolar.

O tema deste estudo foi escolhido essencialmente por se considerar que as rotinas são essenciais para promover o pleno desenvolvimento das crianças e devem ser dadas oportunidades para que estas sejam autónomas em tarefas a desempenhar. Além disso, é importante dar tempo às crianças para pensarem e executarem.

Neste sentido, desenvolveu-se um estudo qualitativo, de investigação-ação, que procurou responder às questões de partida “como desenvolver a autonomia em crianças em idade pré-escolar?” e “qual a influencia das rotinas na promoção da sua autonomia?”. Apresenta como objetivos gerais e específicos, respetivamente, a compreensão da forma como pode ser desenvolvida a autonomia em crianças em idade pré-escolar, entender o modo em que as atividades rotineiras promovem a autonomia nas crianças, qual o contributo das famílias para a promoção da autonomia e a sua importância na relação com a escola, a identificação do papel da educadora para promover autonomia ao seu grupo e que estratégias se podem adotar.

No estudo recorreu-se à observação participante, registo de grelhas, entrevistas semiestruturadas e estruturada e análise documental. No estudo participaram 19 crianças e a educadora cooperante.

Este relatório encontra-se dividido em quatro capítulos: o primeiro é o enquadramento teórico onde se revê na literatura o conceito de autonomia, o papel do/ educador/a na promoção da mesma, a importância do tempo e do espaço e a relação que se deve estabelecer entre a instituição e as famílias.

O segundo capítulo aborda a metodologia utilizada no estudo, onde se definem as questões, objetivos e metodologia utilizada. Por sua vez, no terceiro capítulo apresenta-se a intervenção pedagógica realizada, onde descrevo a intervenção feita para a realização do estudo. No quarto e último capítulo, realiza-se a análise e discussão dos dados obtidos ao longo do estudo.

Por fim, nas conclusões reflete-se sobre as respostas obtidas para os objetivos definidos e sobre os limites do estudo. É ainda realizada uma reflexão sobre o contributo do presente trabalho para o desenvolvimento profissional da autora, futura educadora em educação pré-escolar.

CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 O conceito de autonomia na Educação Pré-Escolar

De acordo com Mogilka (1999) a palavra autonomia deriva dos termos gregos *auto* (próprios) e *nomos* (lei ou regra). Deste modo, poderá afirmar-se que o ser humano é capaz de estabelecer as suas próprias regras e limites, sem que um agente externo se imponha.

Seguindo o mesmo ponto de vista, Trueba (2015) refere que no dicionário a palavra autonomia é definida como a independência das pessoas que agem segundo as suas próprias regras e têm as suas opiniões bem definidas.

Assim sendo, num contexto de Jardim de Infância é fundamental dar a liberdade necessária às crianças para que estas consigam desempenhar diversas tarefas sem depender de ajuda externa e conceder-lhes espaço e tempo para formularem ideias, pensamentos e opiniões. A autonomia dada às crianças assenta essencialmente nas escolhas que podem realizar entre as opções dadas e na realização de tarefas da vida quotidiana. Ou seja, maioritariamente, são dadas opções de escolha às crianças e é a partir dessas que elas podem tomar a liberdade de escolha (Basic, 2015).

Segundo Chokler (2015) para tornar as crianças autónomas devemos deixá-las agir por iniciativa própria e estimular a sua curiosidade ao longo das várias descobertas que realizam acerca do mundo que as rodeia. A autonomia centra-se muito nas rotinas diárias e vai gradualmente evoluindo quando a criança passa, por exemplo, a vestir-se sozinha, toma consciência da importância da realização da sua higiene pessoal e realiza-a autonomamente, utiliza adequadamente os talheres na hora das refeições, alcança os materiais necessários na sala de atividades e toma a liberdade de escolha nas suas decisões.

De acordo com Lopes da Silva et al. (2016) uma criança autónoma é aquela que consegue cuidar de si, realizando tarefas essenciais como “vestir-se, despir-se, lavar-se, comer utilizando adequadamente os talheres, etc., conhece a organização do espaço e os momentos de rotina diária” (p. 36). Nas OCEPE é, ainda, referido que a autonomia passa pela distribuição de poder entre o/a educador/a e o grupo de crianças, sendo que assim as escolhas e decisões são tomadas tendo o objetivo de tornar as crianças cada vez mais autónomas e responsáveis pelas opções tomadas (Lopes da Silva et al, 2016).

Szanto (2015) menciona as considerações de Emmi Pikler quando esta afirma que as crianças desde o nascimento que tomam decisões. Por este motivo é fulcral estimular a autonomia das crianças desde cedo, para que estas consigam desempenhar tarefas no seu quotidiano e desenvolverem o seu pensamento crítico e autoconfiança.

Da mesma maneira, Basic (2015) afirma que a autonomia é fundamental “para o desenvolvimento da personalidade e da autovalorização.” (p. 24) e que estes surgem quando proporcionamos oportunidades para tal às crianças, deixando-as executar as tarefas ao seu ritmo.

Os/As educadores/as de infância devem centrar a sua intencionalidade pedagógica nas necessidades e interesses do grupo para que as aprendizagens sejam mais ricas e estimulantes. Assim, todo o processo conta com a participação das crianças, permitindo que estas expressem as suas opiniões e vontades (Libório, 2018). É através desta participação e organização conjunta que as crianças ganham autonomia de pensamento e tomam consciência de que as suas opiniões são escutadas e válidas.

1.2 A importância do/a educador/a na promoção da autonomia

Atualmente os/as educadores/as de infância passam uma grande parte do dia com as crianças e, por isso, desempenham um papel fundamental na promoção da autonomia. Segundo o Decreto-Lei nº241/2011, 30 de agosto, Artigo 3º o/a educador/a de infância deve fornecer ao grupo uma “segurança afetiva” e “promover a sua autonomia”. Quer isto dizer que o/a educador/a deve estimular as crianças de modo a incentivá-las a realizar tarefas por si mesmas, sem necessitar do auxílio do adulto.

Para compreender as motivações e interesses das crianças devemos dar-lhes oportunidade de se expressarem e, assim, reconhecê-las-emos como sujeitos participantes no processo educativo (Lopes da Silva et al, 2016). É através da partilha de opiniões de cada criança que as incluimos no processo educativo e nas escolhas da vida quotidiana no Jardim de Infância.

Ao possibilitar essa democracia na sala de atividades, estamos a dar voz às crianças e, assim, saberão que ali são escutadas e valorizadas (Libório, 2018). É essencial atender às motivações e interesses das crianças para se promover a curiosidade, descoberta e autonomia das mesmas.

Além de permitirmos a participação das crianças, devemos escutá-las e sobretudo ter em conta as suas opiniões para que estas se sintam reconhecidas no meio onde se inserem. (Roehrborn, 2015).

Trueba (2015) afirma que diversos momentos do quotidiano são chances para promover a autonomia das crianças, como por exemplo “acordar regras de comportamento baseadas nas opiniões de todos (...) ou o envolvimento das crianças na elaboração de perguntas e projetos, respeitando as suas preferências e gostos, ou, ainda, a apresentação de situações em que são possíveis diversas escolhas” (Trueba, 2015, p. 7).

O/A educador/a deve permitir que as crianças tenham voz nas decisões e opiniões que lhes dizem respeito. Tal como prevê a Convenção dos Direitos da Criança (UNICEF,2019), as crianças devem ter a oportunidade de liberdade expressão, onde manifestam as suas opiniões sobre questões que lhes dizem respeito na sua vida quotidiana.

Então, em contexto de educação pré-escolar é essencial que o/a educador/a crie oportunidades de diálogo, onde escuta e torna válidas as opiniões de cada criança, permitindo assim a aquisição de novas aprendizagens. Como referem Filipe et al. (2021) “a criança aprende a participar e a ser protagonista ativa da sua vida e aprendizagem se tiver oportunidade de experimentar processos de participação e de decisão democrática e, conseqüentemente, os efeitos das decisões” (Filipe et al, 2021, p. 60). É, ainda, essencial que o/a educador/a realize uma diferenciação pedagógica para conseguir chegar a todas as crianças, pois cada uma tem o seu ritmo de aprendizagem e naturalmente interesses diferentes. Assim, o/a educador/a assume um papel fundamental na promoção da autonomia das crianças quando lhes dá a oportunidade de desempenhar determinadas tarefas rotineiras sozinhas e, quando lhes dá um espaço para pensar e falar acerca das suas opiniões, motivações e vontades.

1.3 Organização dos espaços, materiais e das rotinas diárias

Para a promoção da autonomia é essencial as crianças participarem no planeamento da organização dos espaços e dos materiais da sala.

Silva e Farenzena (s.d.) defendem que a sala de atividades é um lugar de afetos onde é essencial a participação das crianças e, por isso, os materiais devem ser enumerados e dispostos pelas crianças, de forma que possam ter livre acesso aos mesmos, sem precisar que o adulto os alcance. Para que consigam desempenhar algumas tarefas e projetos

autonomamente é necessário perceberem como está organizada a sala e onde podem encontrar os materiais que necessitam para utilizar autonomamente.

Por norma, as salas de Pré-Escolar encontram-se divididas por áreas temáticas e, de acordo com Folque (2014) estas permitem que a criança se relacione com o mundo que a rodeia, compreenda determinados conceitos e se aproprie de diversas literacias.

De acordo com Lopes da Silva et al. (2016) o facto de a criança conhecer o espaço e as suas funcionalidades, ou seja, como podem utilizar cada espaço da sala, permite que esta desenvolva a sua autonomia e conseqüentemente a independência. A participação ativa das crianças nas decisões sobre o modo como se organiza o espaço e os materiais apoia o desenvolvimento da autonomia e, posteriormente, cabe ao educador avaliar a potencialidade educativa do espaço (Lopes da Silva et al, 2016).

Lopes da Silva et al (2016) defendem que todos os dias devem apresentar um padrão, o qual se denomina de rotina, porém deve ser algo flexível e que permita modificações, consoante o decorrer do dia e das vontades e motivações do grupo. Em contexto de Jardim de Infância existe uma rotina pré-definida, onde os dias seguem o mesmo padrão para que as crianças consigam prever o momento que se segue, dando-lhes confiança na realização de determinadas tarefas.

A rotina diária de uma sala de Pré-Escolar deve ser planeada a pensar na promoção da autonomia do grupo, assim considera-se que as rotinas diárias promovem a autonomia, pois o facto de ser uma repetição das mesmas ações todos os dias (p.e. momentos de refeição, momentos de higiene, momentos de trabalho, momentos de brincadeira) desenvolve a autoconfiança dos indivíduos e dá-lhes a segurança que muitas vezes necessitam.

O/A educador/a de infância deve gerir a rotina do grupo consoante as suas necessidades, mas tendo sempre em vista a aquisição de autonomia e independência do grupo.

1.4 A importância da relação Jardim de Infância-Famílias

Atualmente, com os ritmos acelerados das cidades, as crianças passam muitas horas no Jardim de Infância e, dada essa circunstância, é crucial que exista comunicação e articulação entre a instituição e as famílias.

Diogo (1998) citado por Figueiredo (2010) afirma que o papel de educar cabe aos pais, porém é necessário a educação pré-escolar desenvolver um trabalho de continuidade, onde permita que a criança se desenvolva, socialize e adquira novos conhecimentos.

Segundo a Organização da Componente de Apoio à Família (Ministério da Educação, 2002) a educação pré-escolar é um complemento à educação familiar, isto é, deve existir uma relação de proximidade e incentivo à participação na vida escolar dos educandos.

Sendo as famílias as principais responsáveis pela educação das suas crianças, “têm também o direito de participar no desenvolvimento do seu percurso pedagógico” (Lopes da Silva et al, p.16). Deste modo, promove-se a relação entre a escola e as famílias, contribuindo para um melhor aproveitamento das crianças.

Figueiredo (2010) refere ainda que a família deve ser envolvida na vida escolar do seu educando, como por exemplo “na elaboração do projeto educativo, na organização e preparação de festas, passeios, na preparação e participação de atividades” (p. 30).

Lopes da Silva et al (2016) referem que a comunicação entre jardim de infância (JI) - família é realizada de forma informal ou formal, e é nestes momentos que se se trocam sugestões e opiniões, se pede a colaboração de todos para o melhor desenvolvimento possível da criança.

Na questão da autonomia é fundamental que as famílias e o JI colaborem para elaborar estratégias de promoção de autonomia, para que as crianças desempenhem tarefas como: vestir-se/despir-se sozinhas, calçarem/descalçarem os sapatos, realizarem a sua higiene sem auxílio do adulto, dar tempo para pensar e formular opiniões...

Rof (2015) indica que muitas vezes tem de se acompanhar as famílias e deixá-las perceber que as crianças necessitam e desejam ser autónomas, isto é, pretendem alcançar a autonomia do “fazer as coisas sozinho” e do “sentir-se capaz”. A autonomia vai muito além das tarefas de alimentação, higiene e segurança de si mesmo, este conceito também passa pela capacidade de reflexão para formular ideias e opiniões.

De acordo com o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (Martins, et al., 2017) um dos princípios a ser adquirido é o desenvolvimento pessoal e da autonomia, os quais “dizem respeito aos processos através dos quais os alunos desenvolvem confiança em si próprios, motivação para aprender, autorregulação, espírito de iniciativa e tomada

de decisões fundamentadas, aprendendo a integrar pensamento, emoção e comportamento, para uma autonomia crescente.” (p. 26).

CAPÍTULO II - METODOLOGIA

Neste capítulo apresentam-se os objetivos do estudo, as opções metodológicas e os instrumentos de recolha de informação para a sua realização.

2.1 Questões de investigação

As questões que motivaram este estudo foram:

- Como desenvolver a autonomia em crianças em idade pré-escolar?
- Qual a influencia das rotinas na promoção da autonomia?

2.2 Objetivos de investigação

Foram vários os objetivos que surgiram para a elaboração deste relatório depois de definidas as questões de investigação.

Assim sendo, os objetivos repartem-se entre um objetivo geral e seis específicos.

Objetivo geral:

- Compreender como pode ser desenvolvida a autonomia em crianças em idade pré-escolar.

Objetivos específicos:

- Saber de que forma as atividades de rotina diária promovem a autonomia das crianças;
- Compreender o contributo da família para a promoção da autonomia;
- Perceber a importância da relação JI e família no desenvolvimento da autonomia;
- Identificar o papel da educadora na promoção da autonomia através das rotinas;
- Conhecer as conceções da educadora cooperante sobre autonomia;
- Identificar estratégias de promoção da autonomia.

2.3 Natureza do estudo

Para dar resposta aos objetivos definidos optou-se por uma metodologia qualitativa, de cariz interpretativo na modalidade de investigação-ação.

Segundo Bogdan e Biklen (1994) sendo este um estudo qualitativo, tem algumas características, as quais passo a referir:

1. os dados obtêm-se no ambiente natural, ou seja, o investigador insere-se no local de estudo;

2. é uma investigação descritiva, pois são feitas recolhas de informação através de texto e imagens;

3. interessa mais o processo do que os resultados;

4. é feita uma análise indutiva, isto é, não são recolhidos dados para atestar hipóteses anteriores ou, nem há hipóteses já formuladas.

5. o significado tem uma importância fundamental, ou seja, todo o processo é essencial para se garantir que o investigador está a apreender as perspetivas necessárias.

O estudo realizado enquadra-se no paradigma qualitativo pois realizou-se no seu contexto natural, uma sala de educação pré-escolar, onde se recolheu informação para análise, fundamentalmente, qualitativa através de notas de campo, entrevistas, observação e fotografias. Durante o período do estudo, o processo foi realizado de acordo com as necessidades do grupo, observadas pela investigadora.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994) a investigação vai ser mais precisa se o investigador observar e conviver com os participantes do estudo no seu contexto natural. Isto é, “(...) as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência” (p. 48).

Os dados foram, portanto, recolhidos através da observação participante, da entrevista estruturada, da entrevista semiestruturada, do registo em grelhas das observações no decurso da concretização das atividades pedagógicas planeadas para a promoção de autonomia.

2.4 Investigação-Ação

De acordo com Coutinho et al. (2009), a investigação-ação é um conjunto de metodologias que utilizam a ação e a investigação simultaneamente, alternando sempre a ação com as reflexões a realizar. Ao desenvolver uma atitude de investigação face à sua

prática, o educador investigador procura vai aprofundar os seus conhecimentos acerca do assunto que estuda, melhorando a sua prática com base nesses novos saberes.

Segundo Pires (2010) a investigação-ação pretende analisar a prática educativa para conseguir realizar uma mudança. “Esta mudança (...) necessita de suportes conceptuais e metodológicos, envolvendo por isso a necessária sistematicidade do processo investigacional, que fomenta atitudes de rigor, organização e persistência (...)” (p.71).

Coutinho et al. (2009) caracteriza a investigação-ação como uma metodologia de pesquisa, maioritariamente prática e em que prática e reflexão sistemática e intencional são desenvolvidas com o objetivo de melhorar as práticas: investigar para agir.

Tendo em atenção o exposto recorreu-se à investigação-ação para dar resposta às questões do estudo, assumindo que o período de tempo da PES não permite intervir por forma a melhorar as práticas em função dos resultados obtidos no estudo.

2.5 Participantes do estudo

O estudo realizou-se no âmbito da PES – Prática de Ensino Supervisionada, numa instituição de educação pré-escolar do distrito de Faro, e contou com a participação de dezanove crianças e da Educadora da sala. Destas, nove eram do sexo feminino e dez do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos.

A cada criança foi atribuído um código para preservar o seu anonimato:

Tabela 2.5.1- Caracterização do grupo por sexo e idades

Código	Sexo	Idade
A1	F	5 anos
A2	F	5 anos
A3	F	4 anos
A4	M	5 anos
A5	F	4 anos
A6	M	5 anos
A7	F	5 anos
A8	F	5 anos
A9	M	6 anos
A10	M	5 anos
A11	M	5 anos
A12	F	5 anos
A13	M	6 anos
A14	M	4 anos
A15	F	6 anos
A16	M	5 anos
A17	M	5 anos
A18	M	5 anos
A19	F	5 anos

Legenda: M- masculino F – feminino

Este era um grupo bastante heterogéneo a nível de desenvolvimento motor e cognitivo, porém eram muito criativos, exploradores e interessados em descobrir o mundo que os rodeava.

2.6 Técnicas de recolha de dados

Como referido anteriormente, neste relatório utilizaram-se diversos instrumentos de recolha de dados para obter resultados como respostas às questões de investigação.

2.6.1 Observação participante. Durante toda a PES foi realizada em diversos momentos a observação participante, tendo sido registado em diário de campo alguns aspetos relevantes para o tema estudado.

De acordo com Given (2008) citado por Marietto (2014) os dados recolhidos durante a observação participante permitem que o/a investigador/a faça parte das atividades quotidianas de um grupo, no contexto natural onde estes se inserem. Bogdan e Biklen (1994) defendem que

A (...) participação exata varia ao longo do estudo. Nos primeiros dias de observação participante, por exemplo, o investigador fica regra geral um pouco de fora, esperando que o observem e aceitem. À medida que as relações se desenvolvem vai participando mais. (p. 125)

Inicialmente efetuou-se uma observação naturalista, e depois desta procedeu-se à construção de uma grelha sistemática, apresentada no apêndice D, das quais fazem parte diversos aspetos da rotina diária destas crianças e do seu nível de autonomia. Os aspetos observados e descritos na grelha (apêndice D) baseiam-se, essencialmente na autonomia, das idas à casa de banho, na utilização dos talheres, em vestir-se, na resolução de conflitos e na realização de atividades propostas.

A observação participativa na PES decorreu por duas fases: uma fase de diagnóstico e uma segunda fase decorreu durante a intervenção pedagógica

A informação registada nas grelhas foi objeto de tratamento e apresentada em figuras para uma melhor leitura e análise.

2.6.2 Diário de campo. Este instrumento foi essencial no início do estudo, pois as observações realizadas iam sendo anotadas para mais tarde serem comparadas com os resultados obtidos.

De acordo com Araújo et al (2013) citado por Oliveira (2014) “o diário tem sido empregado como modo de apresentação, descrição e ordenação das vivências e narrativas dos sujeitos do estudo e como um esforço para compreendê-las. [...]. O diário também é

utilizado para retratar os procedimentos de análise do material empírico, as reflexões dos pesquisadores e as decisões na condução da pesquisa” (p. 54).

Assim, o diário de campo foi utilizado para descrever vivências e observações realizadas, ao longo do estudo, de modo a adequar as estratégias a utilizar (Apêndice E).

2.6.3 Entrevista estruturada. Com o objetivo de compreender qual o nível de participação das crianças, de forma individual, após uma atividade proposta pela investigadora para se realizar em família, efetuou-se uma entrevista estruturada às crianças.

A atividade proposta consistia na construção de um projeto com materiais recicláveis, onde a única regra era ser criativo. Com a entrevista procurou-se entender de quem tinha sido a ideia do projeto, quem a tinha desenvolvido, quem tinha selecionado os materiais a utilizar, qual a participação da criança e o grau de autonomia no seu desenvolvimento.

Este tipo de entrevistas, conforme refere Aires (2015) estabelece a “interacção entre entrevistador e entrevistado com base num conjunto de perguntas pré-estabelecidas (...)” (p. 28). O guião da entrevista realizada às crianças apresentava as seguintes questões “quem teve a ideia para fazer esta atividade?”, “Quem decidiu utilizar estes materiais?”, “fizeste-o sozinho?” e “quem ajudou? Em quê?” apresentadas no (Apêndice C). As respostas foram registadas no decurso da entrevista.

2.6.4 Entrevista semiestruturada. Este modelo de entrevista foi aplicado à educadora cooperante e teve como principal objetivo compreender qual a posição da entrevistada quanto à autonomia numa sala de pré-escolar, qual a importância que dá à autonomia do grupo, como promove a autonomia no quotidiano e como caracteriza o grupo atual a nível de autonomia e também qual a importância que dá às rotinas diárias visto que estas são grandes promotoras de autonomia.

Segundo Bastos et al. (2013) a entrevista semiestruturada é um discurso espontâneo que vai surgindo do diálogo entre o/a entrevistado/a e o/a entrevistador/a partindo de um guião pré-estabelecido, mas fluí de acordo com o discurso do/a entrevistado/a, mantendo assim, a mínima intervenção do/a entrevistador/a. Como refere Aires (2015)

As entrevistas não-estruturadas, dada a sua natureza qualitativa, desenvolvem-se de acordo com os objetivos definidos; as perguntas não são definidas à priori e, por isso, surgem com o decorrer da interação (...) Este tipo de entrevistas aplica-se predominantemente nos estudos de caráter qualitativo e o seu objectivo básico consiste na recolha e aprofundamento de informação sobre (...) dinâmicas, concepções (...) durante a observação. (pp. 28-29)

Para a realização da mesma, foi elaborado um guião de entrevista (Apêndice A) e aplicado no contexto onde foi realizada a PES. A entrevista foi gravada com o consentimento da entrevistada.

A entrevista divide-se em três blocos temáticos. Primeiramente realiza-se a legitimação da entrevista e motivação do entrevistado, onde se descreve o objetivo da entrevista e refere-se a importância da colaboração da educadora. De seguida, pretende-se obter a caracterização da educadora de sala, onde são questionados aspetos sobre a sua idade, formação, tempo de serviço e o tempo de serviço naquela instituição. No terceiro bloco pretende-se saber o posicionamento da educadora sobre a autonomia das crianças, como a educadora encara e trabalha em contexto de sala aquela dimensão.

Quando concluída, a entrevista foi transcrita (Apêndice A) e sujeita a uma análise de conteúdo temática.

2.6.5 Análise documental. De acordo com Lopes da Silva et al (2016) todos os estabelecimentos de ensino têm características próprias, possuindo cada um o seu próprio projeto educativo. Este é utilizado “como instrumento de orientação (...), que prevê as funções e formas de relação com os diversos grupos que compõem a comunidade (órgãos de gestão, profissionais, pais/famílias e alunos)” (p.23).

Tanto o Projeto Educativo (PE) como o Projeto Curricular de Grupo (PCG) são documentos estruturantes da atividade pedagógica da instituição e, por isso, foram objeto de análise durante o estudo, tendo em atenção os objetivos do mesmo.

2.7 Desenho do estudo

Tendo em atenção o exposto anteriormente o estudo apresenta as seguintes fases:

Figura 2.7.1- Desenho do estudo

1.ª FASE DIAGNÓSTICO	2.ª FASE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	3.ª FASE TRATAMENTO E ANÁLISE DOS RESULTADOS
<ul style="list-style-type: none">- Observação participante do grupo: 1º observação naturalista; 2º construção de grelha sistemáticas;- Observação sistemática em grelha;- Notas de campo;- Entrevista à educadora de sala;- Análise documental.	<ul style="list-style-type: none">- Desenvolvimento das atividades:<ul style="list-style-type: none">“Realiza um Projeto em Família”“Vamos comer tanto como a lagartinha”“Isto não é uma caixa”“Mapa de presenças”- Notas de campo;- Entrevista às crianças;- Observação após a conclusão das atividades.	<ul style="list-style-type: none">- Respostas aos objetivos definidos, partindo do tratamento dos dados recolhidos e seu cruzamento.- Resposta à pergunta de partida.

2.8 Questões éticas

Para efeitos de proteção de dados, os nomes das crianças foram ocultados e atribuídas siglas a cada uma, como supramencionado anteriormente em tabela.

De acordo com o Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (2014) os investigadores têm que manter o respeito por todos os envolvidos no decorrer da investigação e cumprir responsabilidades como o consentimento informado e a confidencialidade dos dados e identificação.

Por isso, foi também elaborado um documento, para conhecimento e autorização dos Encarregados de Educação, de que este estudo iria ser realizado e se consentiam a participação do seu educando no mesmo (Apêndice B).

CAPÍTULO III – INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A intervenção pedagógica foi concebida tendo em atenção os objetivos do estudo e os resultados das observações realizadas para compreender o nível de autonomia do grupo em geral e de cada criança na sua individualidade.

Da intervenção pedagógica constaram diversas atividades que foram desenvolvidas no decurso da PES e em articulação com o projeto do grupo, a saber:

Tabela 3.1- Planificação das atividades

Atividade proposta	Objetivos	Materiais a utilizar
“Realiza um Projeto em Família”	Envolver a participação das famílias em projetos; Compreender a autonomia de cada criança quando confrontada com um desafio.	Materiais reutilizados que possuíssem em casa.
“Vamos comer tanto como a lagartinha”	Identificação da capacidade autónoma de cada criança, no ato de descascar e cortar diversas frutas; Adquirir noções matemáticas, como padrões; Consciencialização de uma alimentação saudável.	Frutas diversas; Facas; Pratos; Paus de espetada.
“Isto não é uma caixa”	Promoção de autonomia na escolha de materiais; Estimulação da criatividade.	Materiais reutilizados (como caixas, rolos de papel, copos de iogurte); Materiais de desgaste (canetas de feltro, lápis de cor, tesouras, colas).
“Construção de um mapa de presenças”	Promoção do sentido de responsabilidade na realização da tarefa diariamente;	Cartolina; Canetas de feltro; Cartão; Tesoura; Velcro.

Para a realização destas atividades foram utilizados diversos materiais. Por exemplo as histórias eram uma ótima introdução para algo novo que se fosse realizar, pois cativava o grupo e era capaz de lhes transmitir a mensagem pretendida.

Muitas das atividades desenvolvidas partiram do conto de uma história, cujo tema fosse ao encontro do objetivo final da aprendizagem pretendida. O trabalho realizado permitiu

trabalhar de forma transversal, integrada e lúdica outras áreas de conteúdo como, por exemplo, a abordagem à oralidade e à escrita e a matemática.

Ao longo deste capítulo procede-se à apresentação e descrição da intervenção pedagógica.

3.1 Atividade “Realiza um Projeto em Família”

Dada a importância da relação escola-família foi proposto às crianças e às respetivas famílias realizarem um projeto com materiais recicláveis à sua escolha de modo a perceber qual o grau de participação da criança e da família, realizando, posteriormente, uma entrevista individual a cada criança.

Esta atividade tinha como objetivos o reforço da importância da reciclagem e reutilização de materiais, assunto abordado diariamente na sala de atividades e, principalmente, a autonomia e independência de cada criança.

Estes objetivos foram transmitidos ao grupo antes da sua realização em casa. Este mostrou-se muito predisposto à realização da proposta, já sugerindo várias ideias e, a partir daqui, iniciou-se um diálogo em grande grupo sobre o que poderia ser feito e referindo que cada um tinha a liberdade de realizar o que achasse melhor.

A intenção desta atividade era serem as crianças a desenvolver o projeto, tendo a família um papel de apoio na construção do mesmo.

Em casa, 17 das 19 crianças desenvolveram o seu projeto e levaram-no, posteriormente, para o Jardim de Infância para apresentar aos colegas. Esta apresentação tornou-se um momento muito interessante de partilha, pois cada criança explicou o que tinha feito e mostravam-se orgulhosas do resultado final.

As figuras 3.1.1, 3.1.2 e 3.1.3 mostram alguns desses projetos.

Figura 3.1.1- Projeto "A lagartinha"



Figura 3.1.2- Projeto "O jogo"

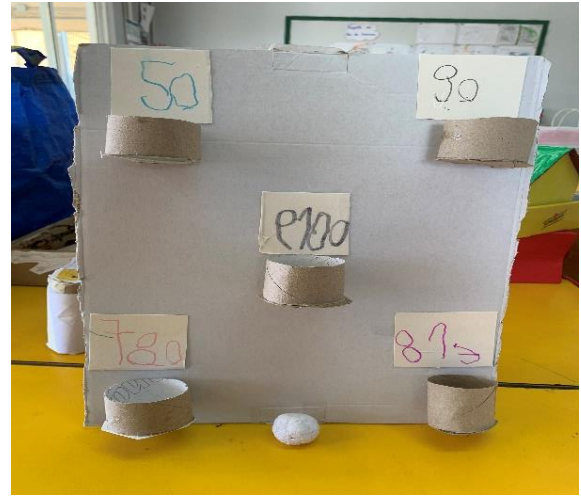


Figura 3.1.3- Projeto "O avião"



Após a apresentação dos projetos, realizou-se uma entrevista a cada criança, onde se realizavam questões para perceber qual o nível de criatividade e participação da criança.

3.2 Atividade “Vamos comer tanto como a lagartinha”

Durante uma semana realizaram-se várias atividades relacionadas à história “A lagartinha muito comilona” (Carle, 2010) e, de forma a estimular a autonomia de cada criança ao utilizar os talheres desenvolveu-se uma atividade onde se fizeram espetadas de fruta.

A proposta desta atividade foi muito bem aceite pelo grupo, mostrando uma grande vontade de participar.

Para além da questão da autonomia, esta atividade pretendia abordar a alimentação saudável e reforçar o consumo de fruta do grupo.

Primeiramente o grupo pode sentir a textura de cada fruta (laranja, kiwi, banana e morangos), depois vinha o principal desafio: descascar as laranjas e os kiwis com recurso a facas e cortar todas as frutas em pedaços.

Depois de cortadas, as crianças teriam que construir a sua espetada seguindo um padrão, com a intencionalidade de abordar os padrões intrínsecos no Domínio da Matemática.

Sendo esta uma atividade com duas intencionalidades bem definidas, foi possível observar a capacidade de cada criança descascar e cortar as frutas, e ainda, a sua capacidade de seguir um padrão na construção da espetada.

As figuras 3.2.1, 3.2.2 e 3.2.3 demonstram os vários momentos da atividade.

Figura 3.2.1- Momento de descascar a fruta



Figura 3.2.2- Utilização da faca



Figura 3.2.3- Construção de uma espetada seguindo um padrão



Deste modo foi possível analisar a autonomia na utilização da faca de cada indivíduo, construindo assim uma tabela, com as observações realizadas ao longo do estudo, que se encontra no Apêndice D.

3.3 Atividade “Isto não é uma caixa”

Para dar início a esta atividade procedeu-se à leitura da história “Não é uma caixa” de Antoinette Portis (2010).

Após a esta leitura realizou-se um debate sobre o que poderia ser senão uma caixa. Daqui surgiram inúmeras respostas e ideias diferentes, pois o grupo ficou bastante motivado.

Posteriormente, foram colocados à disposição do grupo múltiplos materiais, tais como caixas de cartão, placas de cartão, fitas, canetas de feltro, rolos de papel higiénico, revistas, tesouras, tampas de iogurtes, etc... E foi-lhes dada liberdade para realizarem um trabalho para, posteriormente, ser apresentado ao grupo.

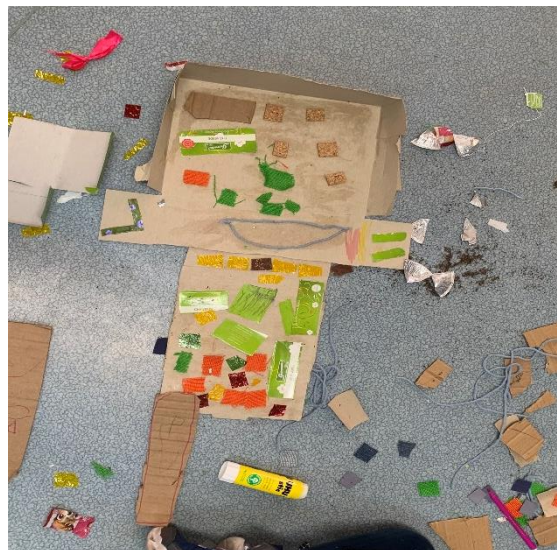
Tendo os materiais à sua disposição, as crianças tiveram que tomar várias decisões autonomamente, tais como, se preferiam trabalhar sozinhas, a pares ou em grupos, o que pretendiam fazer como produto final, que materiais iriam necessitar e, caso trabalhassem a pares ou em grupos, a tarefa que cada elemento iria desempenhar.

Nas figuras 3.3.1 e 3.3.2 são apresentados alguns momentos da realização destes projetos.

Figura 3.3.1- Projeto Circo e Magia



Figura 3.3.2- Projeto Robot



Esta foi uma atividade que promoveu múltiplas aprendizagens, pois as crianças tiveram que ser criativas, comunicativas e ativas para obterem um resultado final.

3.4 Construção de um “Mapa de Presenças”

A sala onde foi realizada a PES não possuía um mapa de presenças, porém todos os dias realizavam a chamada.

Esta proposta teve como principal objetivo desenvolver a autonomia das crianças, introduzir tabelas de dupla entrada na sala de atividades, abordando o Domínio da Matemática assente nas OCEPE e ainda possibilitar o contacto com o código escrito, presente no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Considerei pertinente implementar o instrumento na sala, pedindo a colaboração das crianças na construção do mesmo. Em pequenos grupos, coloriram bolas de cartão que marcariam a presença, como retrata a figura 3.4.1.

Figura 3.4.1- Construção Mapa das presenças



Este instrumento seria uma tabela de dupla entrada, com o nome de cada criança e os dias da semana. Todas as manhãs teriam que colar uma bolinha na linha correspondente ao seu nome e na coluna do dia da semana.

Com a utilização diária deste instrumento, começou-se a ver a independência e autonomia de cada criança no sentido de responsabilidade de colocar a sua presença quando chegava à sala. Existiam as crianças que o faziam logo assim que chegavam, outras faziam-no ao ver algum colega e ainda crianças que eram lembradas por outros colegas a fazê-lo.

Este foi um projeto que promoveu múltiplas aprendizagens, tais como a consciência dos dias da semana, o reconhecimento de uma tabela de dupla entrada e ainda promoveu o contacto com a escrita, sendo que as crianças reconhecem o seu nome e o dos colegas.

CAPÍTULO IV – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo destina-se à apresentação e análise dos dados obtidos de modo a conseguir responder aos objetivos definidos no início do estudo.

4.1 As atividades de rotina diária como promotoras da autonomia das crianças

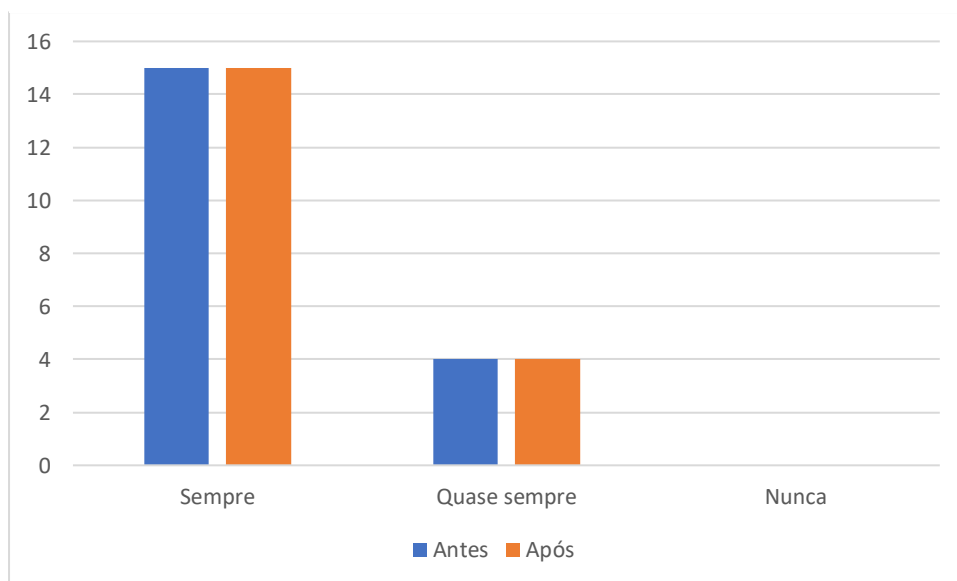
Ao longo deste estudo foram observados vários momentos da rotina diária do grupo de crianças, de modo a compreender o nível de autonomia de cada uma, em situações rotineiras do nosso quotidiano.

Estas observações foram realizadas numa fase inicial da investigação e posteriormente, numa fase já final da mesma.

Ao observar as idas à casa de banho, concluiu-se que a totalidade dos inquiridos o faziam sem necessitar do auxílio do adulto, o que é expectável sendo um grupo heterogéneo com idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos. Os mesmos valores se obtiveram no momento de encherem os copos com água.

Porém, aquando das horas da refeição observou-se que nem todas as crianças comiam com o recurso aos talheres, como indica a figura 4.1.1. Esta observação e registo, manteve os mesmos valores mesmo após a intervenção para a promoção da autonomia.

Figura 4.1.1- Emprego do uso dos talheres

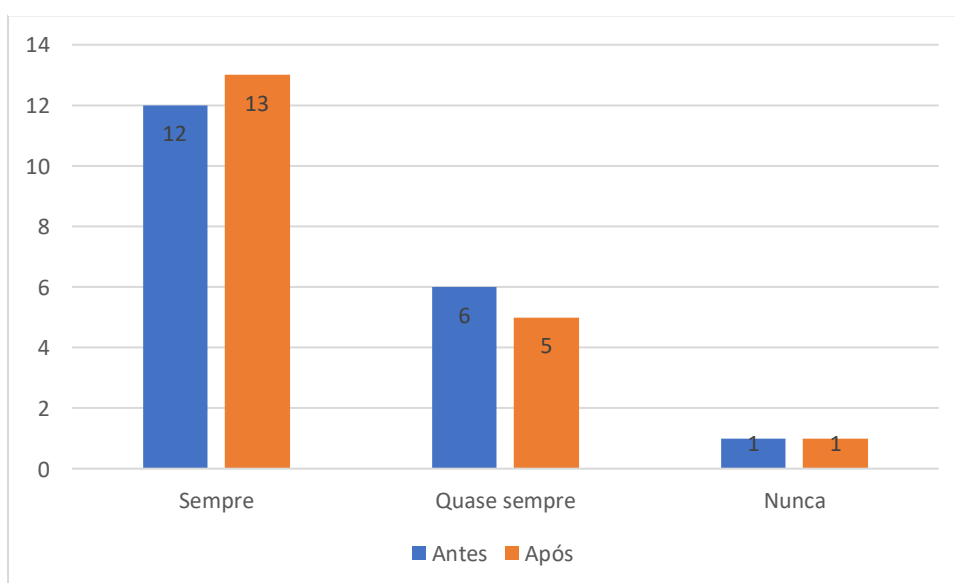


Pode observar-se que 15 das 19 crianças utilizam o conjunto de talheres na sua totalidade. Por sua vez, 4 das 19 crianças conseguem utilizar todos os talheres, porém ainda necessitam de ser lembradas para os empregar (sobretudo a faca) e ainda utilizam a mão para empurrar a comida, sendo isto verificado em crianças de 4 e 5 anos.

Outra circunstância que foi observada foi o momento de trocar de roupa, ou porque se sujavam ou mesmo o simples facto de calçar umas meias ou vestir/despir um casaco.

Aqui constatou-se que nem todas as crianças o conseguiam fazer sem apoio de um adulto, como mostra a figura 4.1.2., mantendo-se os valores ao longo do decorrer do estudo.

Figura 4.1.2- Autonomia no vestir/despir

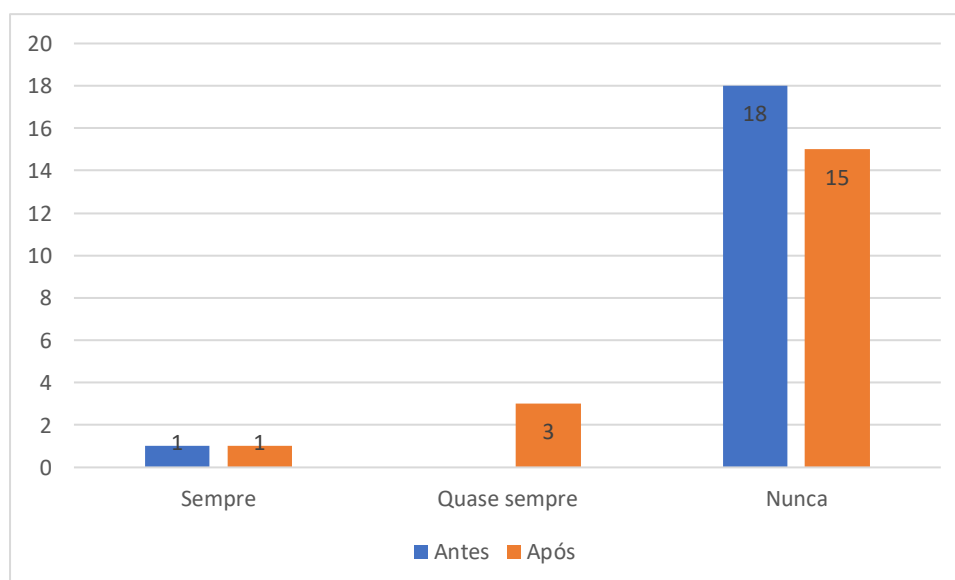


Neste campo 1 das 19 crianças não tinha autonomia suficiente para mudar de roupa, pelo que sempre que era dia de psicomotricidade necessitava do auxílio de um adulto para se preparar. Importa justificar que era uma criança com 6 anos de idade, que apresentava necessidades educativas específicas.

Do mesmo modo, 6 das 19 crianças conseguiam fazê-lo de forma autónoma, porém, se o casaco tivesse do avesso já necessitavam de ajuda do adulto presente. Este foi um aspeto observado recorrentemente ao longo da PES.

Na figura 4.1.3 verifica-se que antes da intervenção apenas 1 criança conseguia atar os cordões dos sapatos, tendo 4 anos de idade.

Figura 4.1.3- Capacidade de atar os cordões



A rotina acelerada das famílias não lhes permite dar tempo às crianças para tentarem e errarem, então a solução mais prática para estas famílias era utilizar sapatos sem atacadores. Porém, após a compreensão da necessidade da aquisição desta aprendizagem, retomaram o levar sapatos com atacadores e, sempre que necessário, pedíamos para os tentarem amarrar, para que fossem tomando consciência do ato. Este trabalho foi possível devido à colaboração com as famílias, revelando a importância desta articulação como refere Figueiredo (2010) e Lopes da Silva et al. (2016). Esta atividade permitiu alguma alteração nas práticas de algumas crianças: três revelaram o início de alguma autonomia. Infere-se que um maior tempo dedicado a este trabalho de “aprender a atar os sapatos”, por exemplo um ano letivo, poderia ter resultados mais consistentes. Há a ainda a

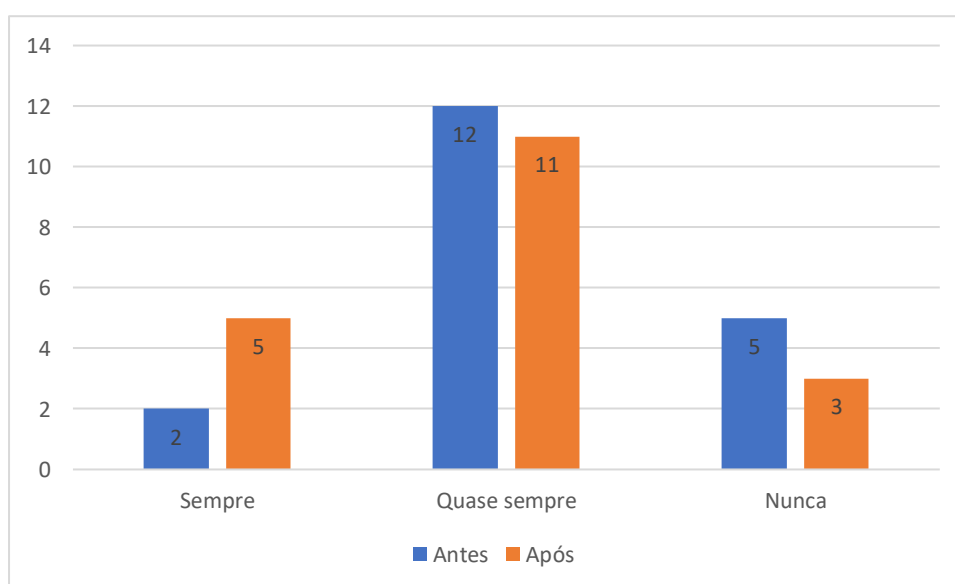
sublinhar que ao pedir a colaboração das famílias se contribui para que estas percebessem que as crianças precisam de “fazer coisas sozinhas”, gostam de as fazer e de se “sentirem capazes” (Rof, 2015).

Com os dados mais distribuídos encontra-se a resolução de conflitos, onde o grupo tinha várias intrigas diariamente e nem todas as crianças os resolviam sem a mediação do adulto, tal como mostra a figura 4.1.4.

Ao longo do estudo, em cooperação com a educadora responsável, desenvolveram-se vários diálogos em grande grupo sobre a amizade e o modo como poderíamos resolver os nossos problemas com os colegas. Além disso, ainda foi elaborada a caixinha das queixas, onde através de desenhos ou rabiscos as crianças colocavam as suas queixas e assinavam, para mais tarde se debater o assunto em grande grupo.

Notou-se uma melhoria dos resultados após a realização destas intervenções.

Figura 4.1.4- Resolução de conflitos



Numa fase inicial do estudo, das 19 crianças podemos observar que apenas 2 conseguem resolver os conflitos que surgem autonomamente, na base do diálogo e sem necessitar da intervenção de um adulto.

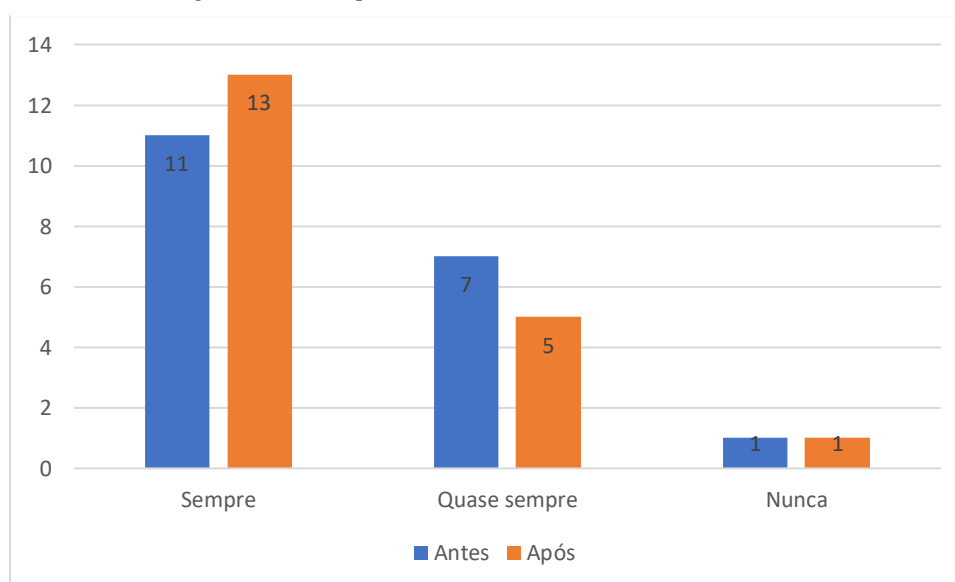
Por sua vez, 5 das 19 crianças do grupo, nunca procuraram entender-se sem recorrer de imediato ao adulto para os ajudar na resolução do problema.

Os restantes 12 elementos do grupo tentavam ser autónomos neste aspeto, recorrendo esporadicamente ao adulto para os ajudar na mediação do conflito.

Numa avaliação final observa-se que 5 das 19 crianças começaram a resolver os seus conflitos de forma pacífica, autónoma e independente da intervenção do adulto, 11 das 19 crianças faziam-no quase sempre e 3 das 19 continuavam sem o conseguir realizar sem a intervenção do responsável pelo grupo.

Um aspeto fulcral na sala eram as atividades orientadas serem realizadas tendo por base o desenvolvimento da autonomia e independência das crianças, para isso observava-se a sua capacidade de marcar a presença quando chegava à sala de manhã, de ir buscar os materiais necessários para a realização da atividade proposta e a capacidade de seguir a atividade sem requerer o adulto ao seu lado a dizer instrução a instrução.

Figura 4.1.5- Responsabilidade e autonomia nas atividades



Podemos então constatar que 11 das 19 crianças se mostravam bastante autónomas nos aspetos referidos anteriormente, porém 7 crianças necessitavam ocasionalmente de apoio, ora porque se esqueciam de o fazer ora porque alegavam que não sabiam fazê-lo, mesmo que fossem atividades rotineiras. Deste grupo, apenas 1 das 19 crianças não realizava autonomamente nenhuma das atividades propostas.

Após as intervenções pedagógicas verifica-se, através dos dados recolhidos anteriormente, que a maioria das crianças mostra um grau de autonomia aceitável e adequado para a faixa etária. A maior parte das crianças apresenta sempre ou quase sempre o comportamento espectral.

4.2 Compreender o contributo da família para a promoção da autonomia

Para um melhor entendimento sobre o contributo da família para a promoção da autonomia pediu-se às crianças para realizarem, junto com as suas famílias, um projeto livre.

Deste, surgiram ideias muito criativas e, posteriormente à apresentação destes projetos, realizou-se uma entrevista estruturada às crianças de forma individual. Esta entrevista tinha como objetivo compreender o nível de envolvimento das famílias e o grau de

Tabela 4.2.1- Respostas às entrevistas estruturadas

	Eu	Eu e a mãe	Eu e o Pai	Total
Quem teve a ideia para fazer esta atividade?	11	6		17
Quem decidiu utilizar estes materiais?	5	12		17
	sim	não		
Fizeste-o sozinho?			17	17
	Mãe	Pai	Mãe e Pai	
Quem ajudou? Em quê?	14	1	2	17

autonomia das crianças.

Na tabela 4.2.1, estão ilustrados os valores obtidos na sequência da entrevista às crianças.

Após a análise destes dados podemos concluir que as famílias participaram nestes projetos. As ideias foram propostas maioritariamente pelas crianças, porém, no que se refere aos materiais a decisão coube aos pais.

Na entrevista semiestruturada à educadora cooperante também se abordou este tema e, esta referiu que estas crianças têm capacidade para ser mais autónomas e independentes, porém os pais nem sempre o possibilitam pois não lhes dão tempo de pensar, agir e executar.

Como se sabe, é necessário que exista uma relação próxima entre o JI e as famílias para o pleno desenvolvimento das crianças.

Como referido pela educadora cooperante na entrevista (Apêndice A), é necessário alertar os pais sobre os momentos de rotina em casa, para serem capazes de compreender o que os seus educandos são capazes de fazer. Aqui entra a questão do tempo, que muitas vezes não se tem e, por isso, não se dá a oportunidade de tentar às crianças.

Em conversas informais (Diário de Campo, 10 de janeiro) com a educadora cooperante compreendeu-se que o trabalho desenvolvido no JI deve ser estendido para o ambiente familiar também, ou seja, todos os progressos são mais visíveis quando há um trabalho conjunto entre ambas as partes. Esta situação identificou-se na atividade de “atar os sapatos”, em que a família colaborou enviando os seus filhos calçados com sapatos de atacador permitindo, assim, ao JI desenvolver trabalho para o desenvolvimento destas competências. Também na tarefa de construção de um projeto livre, descrita anteriormente, as famílias participaram, colaborando com o JI. O tempo da PES e da intervenção pedagógica foi reduzido, mas o trabalho realizado e os seus resultados permitem inferir da importância da articulação JI/Família, mas também de trabalhar a “autonomia” dos filhos, mostrando-lhes que devem incentivar mais as crianças a fazer “coisas” sozinhas, e entender que ao “errarem” estão a aprender, como referem diversos autores (Chokler, 2015, Roehrborn, 2015, Trueba, 2015).

Esta relação entre o JI e as famílias é muito importante para a promoção da autonomia, pois temos oportunidade de as conhecer melhor, pois as famílias são quem melhor conhece as suas crianças, num contexto individual e na sua zona de conforto. A educadora conhece a criança apenas em contexto de grupo e socialização pelo que é fundamental dialogar e articular com as famílias (Figueiredo, 2010).

4.3 Conhecer as conceções da educadora cooperante sobre autonomia

Na mesma entrevista foram abordadas as conceções da educadora cooperante sobre o tema autonomia, onde se pode conferir que esta lhe atribui uma grande importância.

Para a educadora cooperante, a autonomia é algo que se adquire desde muito cedo e vai sendo cada vez maior à medida que crescemos. Considera também que a aquisição de autonomia varia com alguns fatores externos, tais como a influência das famílias e das escolas, mas também depende da personalidade de cada indivíduo.

De seguida, afirma que os jardins de infância detêm um papel muito importante na promoção da autonomia das crianças, pois é lá que lhes conseguimos dar tempo para “experimentar, fazer, agir e assim evoluir na autonomia.”.

Sendo que a educadora cooperante valoriza as rotinas diárias e a autonomia das crianças, os documentos oficiais, tais como o PE e o PCG, deviam mencionar a sua importância.

Porém o PE não refere algum aspeto acerca da importância da autonomia ou das rotinas diárias.

Por sua vez, o PCG tem explícitos objetivos que vão de encontro ao tema deste relatório. Lá estavam previstas a realização de atividades de modo a promover o desenvolvimento da autonomia do grupo e a sua independência, o respeito pela individualidade e ritmo de desenvolvimento de cada um.

Indo de encontro ao que estava indicado no PCG, a educadora cooperante dava oportunidade às crianças de pensarem e dava-lhes o espaço necessário para a sua participação em diversos contextos de sala.

Como referido anteriormente, a divisão da sala de atividades por áreas pode auxiliar no desenvolvimento da autonomia do grupo e, no PCG estavam indicadas as áreas existentes na sala.

Esta organização por áreas permitia ao grupo saber exatamente onde estavam os materiais e dava-lhes livre acesso para os irem buscar e utilizar. Assim, a necessidade do auxílio do adulto deveria ser mais reduzida.

Relativamente às rotinas diárias, os dias eram organizados seguindo, por norma, sempre a mesma rotina. De manhã, em grande grupo ouvia-se uma história, seguido de um diálogo e iniciava-se a atividade dirigida. Posteriormente, dirigiam-se ao parque exterior para brincadeiras livres e, quando eram chamados, dirigiam-se à casa de banho para realizarem a higiene e seguirem para o refeitório.

A parte da tarde era guardada para brincadeiras nas áreas, escolhidas por eles no Plano do Dia.

Esta rotina delineada dava segurança às crianças, pois já conseguiam identificar o momento que se seguia, o que lhes promove uma certa autonomia, pois não dependem do adulto para saber o que fazer ao longo do dia.

As rotinas estão intrinsecamente ligadas ao desenvolvimento da autonomia, e numa sala de Pré-Escolar, essa ligação é bem visível.

4.4 Identificar estratégias de promoção da autonomia

Após a observação realizada ao longo da PES, da intervenção pedagógica e da entrevista realizada à educadora cooperante, identificam-se algumas estratégias de promoção da autonomia.

É essencial que o grupo esteja integrado na sala de atividades, isto é, a organização do espaço e dos materiais deve ser feita para eles e com eles. Este aspeto vai permitir que as crianças saibam onde se encontram os materiais e, assim, conseguirão ter acesso aos mesmos e utilizá-los sem necessitar do auxílio do adulto e de acordo com as suas opções. Dar-lhe a possibilidade de escolha, de tomar a iniciativa e de explorarem o espaço e os materiais é como referem Basic (2015) e Chokler (2015) fundamental para desenvolverem a autonomia.

A educadora cooperante ainda considera importante dar tempo às crianças para realizarem a exploração dos materiais, experimentarem e errarem e, posteriormente, consolidarem as suas aprendizagens e, conseqüentemente, evoluírem na autonomia.

Em diversas conversas informais (Diário de Campo, 03 de dezembro) com a educadora cooperante, esta referia que a autonomia era “construída em andaimes”, isto é, cada criança tem o seu ritmo de desenvolvimento e este deve ser respeitado, sendo nós educadores/as que temos que adaptar e diferenciar as estratégias pedagógicas a utilizar.

Nas intervenções pedagógicas para além das estratégias já referidas, identificou-se ainda o prazer pela leitura, então diariamente, a manhã começava pelo conto de uma história que dava início às atividades dirigidas. Esta linha condutora, era uma forma de gerir a rotina diária, sendo que o grupo sabia que depois do reforço da manhã teria o momento da história, seguido de um diálogo e posteriormente uma atividade relacionada.

De modo a promover a autonomia do grupo, era lhes dada a oportunidade de planear e escolher o que pretendiam fazer naquele momento ou dia. Por exemplo, existia o Plano do Dia, onde cada criança registava o seu nome nas áreas onde pretendia brincar, sendo que só poderia escolher até duas e existia um limite máximo de crianças por área. Este registo pretendia desenvolver a autonomia do grupo e dotá-los de responsabilidade pelas suas escolhas. Práticas que segundo diversos autores contribuem para o desenvolvimento da autonomia, da personalidade e da autovalorização (Basic, 2015, Roehrborn, 2015, Trueba, 2015).

CONCLUSÕES

O estudo realizado permitiu efetuar inferências que possibilitam equacionar respostas para as questões de investigação delineadas inicialmente, as quais eram: “Como desenvolver a autonomia em crianças em idade pré-escolar?” e “Qual a influência das rotinas nessa promoção de autonomia?”.

Primeiramente, o desenvolvimento da autonomia está intrinsecamente ligado às rotinas diárias. Estas são fundamentais para tornar as crianças mais autónomas no seu quotidiano. Por exemplo, a autonomia, a nível de cuidar de si e da sua segurança, é algo que devemos incentivar as crianças desde cedo a fazê-lo. Certamente, irão ser mais autónomas e autoconfiantes quando conseguem ir à casa de banho sozinhos, alimentar-se de forma correta, vestir-se ou tratar da sua higiene (p.e. lavar as mãos antes de almoço).

Por outro lado, a autonomia em sala de atividades é promovida quando as crianças estão inseridas dentro da organização da mesma, isto é, elas sabem onde estão os materiais, conseguem alcançá-los e utilizá-los de forma correta. Neste aspeto, as áreas na sala de atividades facilitam muito este processo. Durante o estudo, foram aplicadas estratégias no sentido de promover a autonomia na escolha dos materiais, dando-lhes sempre a possibilidade de os irem buscar e pensarem quais os materiais que pretendiam utilizar.

Cabe ao/a educador/a promover estratégias de promoção da autonomia, tendo em conta a diferenciação pedagógica, pois cada criança tem o seu ritmo e este deve ser respeitado, dando-lhe o tempo necessário. As atividades dirigidas eram realizadas em grade grupo, porém era dado tempo às crianças para realizarem-na ao seu ritmo e ainda, tinham a possibilidade de escolha se estavam motivados ou não para desempenhar aquela tarefa.

Por sua vez, deve ser também o/a educador/a a integrar as famílias no quotidiano da sala de atividades, tendo uma relação muito próxima e que se complementem de modo a conseguir atingir o desenvolvimento das crianças. Aquando das atividades para integrar mais as famílias no JI, estas mostravam-se muito participativas, colaborando nas atividades junto dos seus educandos.

É possível concluir que uma rotina diária estabelecida e bem definida é essencial para promover o desenvolvimento da autonomia de uma criança. Como referiu a educadora cooperante na entrevista é importante que exista uma rotina, para as crianças se sentirem seguras durante o dia-a-dia, pois sabem os momentos que se sucedem.

O estudo teve uma limitação a nível de tempo, por isso, não se puderam tirar conclusões ou obter resultados finais, apenas inferências. Os comportamentos de autonomia, na sua generalidade, revelaram pequenas melhorias durante a intervenção, por isso, se o estudo fosse realizado por um período mais alargado, seria possível consolidar as mudanças identificadas.

No que se refere à relação com as famílias, não foi possível desenvolver um trabalho maior, pelo que em estudo futuro gostaria de ter uma relação mais próxima com as famílias, realizando mais atividades entre o JI e as famílias, de modo a ser possível compreender a importância da articulação Famílias/JI para a promoção da autonomia.

REFLEXÃO FINAL

Com a conclusão deste relatório encerra-se um ciclo na minha vida académica, abrindo agora portas para o meu futuro profissional enquanto educadora de infância. Deste longo percurso levo múltiplas aprendizagens e, futuramente, espero adquirir mais pois a vida está em constante mudança e temos que nos moldar a essas.

A PES permitiu-me encarar a realidade da educação de infância atual, e foi aí que vivenciei momentos de aprendizagem, mas também errei muito. Felizmente, ter a oportunidade de errar e alguém nos ajudar a melhorar é gratificante e levarei muita “bagagem” para o meu futuro profissional.

O estudo realizado permitiu-me compreender as fragilidades atuais no que toca à autonomia em crianças de idade pré-escolar, muitas das vezes refletidas na vida apressada que levamos. Um/a educador/a de infância tem o dever de permitir que as crianças levem o tempo necessário a adquirir determinada competência, que sejam criativas e com opiniões formadas, para futuramente se tornarem seres críticos.

Para as crianças se tornarem autónomas é necessário que lhes seja dada oportunidade de tentar e errar, pois só assim elas desenvolverão mais confiança nas suas capacidades. É fulcral também que seja dada voz às crianças, numa sociedade democrática, temos de saber ouvir e respeitar todos.

Futuramente espero ser uma profissional que consegue dar tempo às crianças, que lhes proporciona diversas experiências e conhecimentos, que lhes dá voz para propor e decidir. Tencionarei organizar o espaço e materiais de acordo com as necessidades e motivações do grupo, pois ao fim ao cabo, a sala de atividades é para eles. A autonomia é um conceito de extrema importância desde muito cedo, pois crianças autónomas tornam-se adultos mais confiantes.

As aprendizagens proporcionadas pela PES contribuíram para a construção do meu conhecimento profissional sobre o ser educadora e para o meu desenvolvimento enquanto profissional. O trabalho realizado para o presente relatório mostrou-me a importância de ter uma atitude investigativa e reflexiva sobre a prática para melhorar a forma de agir do educador/a e proporcionar o desenvolvimento profissional do mesmo/a.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aires, L. (2015). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Universidade Aberta.
- Basic, S. (2015). Educar crianças: proteção e autonomia. In-L. Santos, *Um Lugar para a Autonomia* (pp. 22-24). Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI).
- Bastos, L., Santos, W., Rollemberg, A. T., Basto, C., Bruno, D., Frias, M., Pereira, M., Lima, R., Campos, S., & Rosas, M. (2013). *A entrevista na pesquisa qualitativa*. Quartet Editora
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto Editora.
- Carle, E. (2010). *A lagartinha muito comilona*. Kalandraka
- Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (2014). *Carta de Princípios Éticos da Investigação*. Disponível em: <https://www.ceied.ulusofona.pt/wp-content/uploads/sites/75/2016/03/CARTA-PRINC-ETICOS-CEIED-14.pdf>
- Chokler, M. H. (2015). O Conceito de autonomia no desenvolvimento da criança: coerência entre teoria e prática. In H. Buric, & Wasilewska-Gregorowicz, *Um Lugar para a Autonomia* (pp. 9-11). Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI).
- Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M.J., Vieira, S. (2009). Investigação-Ação: Metodologia Preferencial nas práticas educativas. *Psicologia, Inovação e Cultura*, XIII (2), 455-479.
- Decreto-Lei n.º 241/2001 de 30 de agosto. Diário da República –I Série A. Lisboa: Ministério da Educação. Perfis específicos de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1º ciclo do ensino básico.
- Figueiredo, M. J. (2010). *A Relação Escola-Família no Pré-Escolar: Contributos para uma Compreensão*. [Dissertação de Mestrado. Universidade Fernando Pessoa. Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa. Disponível em: https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1937/1/DM_19037.pdf
- Filipe, S., Silva, B., & Gomes, A. (2021). Perspetivas sobre a participação da criança no ambiente educativo. *Em Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 8 (1), 57-65.
- Folque, M. A. (2014). Reconstruindo a cultura em cooperação mediado pela pedagogia para a infância do Movimento da Escola Moderna portuguesa. *PERSPECTIVA*. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/18090/1/Folque%202014%20Perspetiva.pdf>
- Libório, O. (2018). O que vamos fazer hoje? A voz das crianças no planeamento. *Cadernos de Educação de Infância*, pp. 11-15.
- Marietto, M. L. (2018). Observação Participante e Não Participante: Contextualização Teórica e Sugestão de Roteiro para Aplicação dos Métodos. *Revista Ibero-Americana de Estratégia*, 17 (pp. 5-18)

Martins, G., Gomes, C., Brocado, J., Pedroso, J., Carrillo, J., Silva, L., Encarnação, M. M., Horta, J. M., Calçada, M. T., Nery, R., & Rodrigues, S. (2017). *Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Ministério da Educação. Disponível em: https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf

Ministério da Educação (2002). *Organização da Componente de Apoio à Família*. Lisboa: Ministério da Educação. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/organizacao_componte_apoio_familia.pdf

Mogilka, M. (1999). Autonomia e formação humana em situações pedagógicas: Um difícil percurso. *Educação e Pesquisa*, 25 (2), 57-68

Lopes da Silva, I., Marques, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direcção Geral da Educação.

Oliveira, R. (2014). (Entre)linhas de uma pesquisa: o Diário de Campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica. *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos* (4), 69-87. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6828607/mod_resource/content/1/1059-Texto%20do%20artigo-2503-1-10-20141231.pdf.

Pires, C. (2010). A Investigação-acção como suporte ao desenvolvimento profissional Docente. *EDUSER*, 2 (2), 66-83. <https://doi.org/10.34620/eduser.v2i2.23>

Portis, A. (2010). *Não é uma caixa*. Editorial Presença.

Silva, M., & Farenzena, R. (s.d). *Participação Infantil e Autonomia no Jardim de Infância: uma Questão de Cidadania*. Centro de Investigação em Estudos da Criança. Disponível em: <http://www.ciec-uminho.org/documentos/ebooks/2307/pdfs/2%20Inf%C3%A2ncia%20e%20cidadania/Participa%C3%A7%C3%A3o%20Infantil%20e%20Autonomia%20no%20Jardim%20de%20Inf%C3%A2ncia.pdf>

Szanto, A. (2015). A atividade autónoma como forma de vida. In H. Buric, & A. Wasilewska-Gregorowicz, *Um Lugar para a Autonomia* (pp. 17-18). APEI - Associação de Profissionais de Educação de Infância. Revista Infância na Europa.

Roehrborn, B. (2015). Por que é importante respeitar as opiniões das crianças? In H. Buric, & Wasilewska-Gregorowicz, *Um Lugar para a Autonomia* (pp. 14-16). Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI).

Rof, P. (2015). Acompanhar as famílias em Espais Familiares. In H. Buric, & Wasilewska-Gregorowicz, *Um Lugar para a Autonomia* (pp. 37-38). Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI).

Trueba, B. (2015). Autonomia, uma jornada promotora de reflexão. Em H. Buric, & Wasilewska-Gregorowicz, *Um Lugar para a Autonomia* (pp. 6-8). Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI).

UNICEF. (2019). *A Convenção sobre os Direitos da Criança*. Portugal. Disponível em: https://www.unicef.pt/media/2766/unicef_convenc-a-o_dos_direitos_da_crianca.pdf

APÊNDICES

Apêndice A- Guião entrevista semiestruturada

Bloco temático	Objetivos	Questões
<p>Bloco A</p> <p>Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado</p>	<p>Legitimar a entrevista.</p> <p>Motivar a entrevistada.</p>	<p>Esta entrevista tem como finalidade realçar a importância da autonomia em crianças de Jardim de Infância, tendo como principais objetivos compreender de que modo as rotinas diárias influenciam a autonomia das mesmas, qual o papel das famílias na complementação desta autonomia e identificar o papel dos educadores na construção da autonomia.</p> <p>Para este estudo seria importante o seu contributo (educadora), pois conseguirá elucidar-me mais claramente sobre estas questões e será completamente anónima a sua participação. Será utilizada apenas para fins académicos.</p>
<p>Bloco B</p> <p>Caracterização da Educadora da Sala</p>	<p>Elementos de caracterização: idade</p> <p>Formação</p> <p>Tempo de serviço</p> <p>Tempo de serviço naquela instituição</p>	<p>Comecemos então pelo seu percurso académico, onde realizou a sua formação académica?</p> <p>Resposta: Fiz a minha formação académica na ESSE da Universidade do Algarve.</p> <p>Há quantos anos é educadora de infância?</p> <p>Resposta: Sou educadora há 18 anos.</p> <p>E há quantos anos está nesta instituição?</p> <p>Resposta: Estou nesta instituição há 1 ano e 5 meses, tendo trabalhado na mesma durante 2 anos letivos, há 16 anos.</p>

<p>Bloco C</p> <p>Argumentação sobre a autonomia nas crianças</p>	<p>Saber como aborda esta questão</p>	<p>- O que entende por autonomia?</p> <p>Resposta: A autonomia é um conceito que se vai desenvolvendo ao longo do crescimento de todas as crianças, desde que começam nas primeiras interações quando são bebés e que depois se vai desenvolvendo, grau a grau, conforme os anos que vivem. Esta autonomia está sempre dependente do exterior, ou seja, das motivações que os miúdos podem ter extrinsecamente, seja influencia da família, do contexto, da escola, mas também tem muito a ver com o tipo de criança que é, com a personalidade que tem.</p> <p>- Qual o papel de um educador de infância na promoção da autonomia?</p> <p>Resposta: Pois, o papel é fundamental principalmente nos dias que correm, em que, as famílias têm horários de trabalho muito longos e sobra-lhes muito pouco tempo útil com os filhos diariamente, portanto todas as questões de autonomia que devem ser trabalhadas com tempo e com muita paciência estão em risco com esta dinâmica familiar que hoje existe. Portanto, a escola e o educador têm aqui um papel, quase durante o dia a dia, que os pais não podem ter. Por isso, o educador em equipa com os pais, o melhor que pode fazer é dar tempo à criança para experimentar, fazer, agir e assim evoluir na autonomia.</p> <p>- Que estratégias utiliza para promover a autonomia na sala de atividades?</p> <p>Resposta: Como estava a dizer, para mim é fundamental o tempo, seja um tempo na resposta, por exemplo fazemos uma pergunta e damos o tempo necessário para cada um responder, nós conhecemos as crianças, conhecemos cada um, há uns que precisam de mais e outros precisam de menos. Esse tempo de resposta também tem a ver com a autonomia, a autonomia do pensamento e de agir, de escolher as palavras,</p>
--------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>do conforto, da segurança. Portanto são tudo conceitos que fazem parte do desenvolvimento da autonomia.</p> <p>Depois ao nível do contexto da sala, todos os materiais devem estar muito acessíveis. Aqui na sala dos cinco anos, nós este ano não temos nada etiquetado, porque não sentimos essa necessidade</p> <p>- Como auxilia os pais nesta questão de promoção de autonomia?</p> <p>Resposta: Pois, aconteceu-me aqui com este grupo e nunca me tinha acontecido tanto, sentir que muitas crianças que tinham muito mais capacidades de ser autónomas e independentes do que aquilo que os pais conseguiam permitir.</p> <p>Em muitas reuniões que tive com os pais, tive que ser muito direta em exemplos, em perceber onde está a roupa deles, o prato do pequeno almoço lá em casa e como é que fazem. Tive que descortinar todos os momentos de rotina em casa para lhes propor mudar e perceber que o filho é capaz, ou seja, vai um bocadinho ao encontro do eu disse no início, os pais não têm muito tempo para perceber se os filhos são capazes.</p> <p>- Considera que existe uma relação entre a escola e a família que promove a autonomia das crianças?</p> <p>Resposta: A relação entre a escola e a família é fundamental para promover a autonomia nas crianças, porque as famílias conhecem a criança no contexto individual, na sua zona de conforto e nas vivências que têm e a escola tem a visão dessa criança em contexto de grupo. Portanto, se não houver uma relação estreita entre estes dois contextos a criança não é vista como um todo, mas sim às partes e é impossível de promover uma autonomia.</p>
--	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>- Relativamente a este grupo, como o caracteriza em termos de autonomia?</p> <p>Resposta: É um grupo bastante autónomo, quando peguei no grupo na sala dos 4 anos, já sentia que o grupo tinha um grande conhecimento e apropriação do espaço da escola e dos materiais. As atividades ao longo do tempo também foram sempre desenvolvidas nessa perspetiva.</p> <p>À medida que eles foram crescendo, a autonomia deixou só de ser executar tarefas sozinho, sem ajuda, mas sim integrar essas tarefas autónomas na vida do dia a dia.</p> <p>- Que estratégias aplica a este grupo de modo a promover a autonomia?</p> <p>Resposta: As estratégias para a promoção da autonomia passam muito, como disse à pouco, por uma apropriação do espaço e dos materiais que as crianças manipulam no dia a dia aqui na escola. Por exemplo, ter os materiais em sítios acessíveis e bem visíveis que tenham sido escolhidos pelo próprio grupo.</p> <p>A principal estratégia é dar tempo para que as crianças utilizem tudo o que se está a sua volta, dar tempo para experimentarem e errarem, para depois tirarem as suas próprias conclusões e evoluírem na autonomia.</p> <p>- Em relação às rotinas diárias, considera-as importantes? Porquê?</p> <p>Resposta: As rotinas diárias são muito importantes, porque são um ponto de segurança na vida de cada criança, ou seja, uma rotina diária certa ajuda a que as crianças saibam o que se vai passar a seguir, consigam antecipar esses momentos, sentem-se mais seguras por ter essa competência e isso promove, sem dúvida, a autonomia.</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>Por exemplo, a utilização do mapa das presenças como implementaste pode ser outro instrumento e promoção de autonomia.</p> <p>- Gostaria de acrescentar algum ponto que considere essencial a respeito da autonomia?</p> <p>Resposta: Não.</p>
--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Apêndice B- Autorização de recolha de imagens



Exmo/a Encarregado/a de Educação,

Eu, Joana Isabel Belém da Silva, aluna do mestrado de Educação Pré-Escolar da Universidade do Algarve, venho informar da realização do estágio na sala de atividades do seu/sua educando/a.

Venho por este meio, solicitar a sua autorização para a recolha de imagens do/a seu/sua educando/a, sendo estas utilizadas exclusivamente para fins académicos.

Aluna: _____

Educadora Cooperante: _____

Autorizo/Não autorizo (riscar a opção não aceite) a recolha de imagens do/a meu/minha educando/a _____ (nome da criança).

O/a Encarregado(a) de Educação

Apêndice C- Guião entrevista estruturada às crianças

Quem teve a ideia para fazer esta atividade?

Quem decidiu utilizar estes materiais?

Fizeste-o sozinho?

Quem ajudou e em quê?

Apêndice D- Exemplo de tabela de avaliação da autonomia (avaliação realizada no início do estudo)

	Sempre	Quase sempre	Nunca
Vai autonomamente à casa de banho	19	0	0
Come com o auxílio dos talheres (colher, faca e garfo)	15	4	0
Enche sozinho o copo de água	19	0	0
Veste-se sozinho (p.e. quando é necessário trocar de roupa)	12	6	1
Consegue atar os cordões dos sapatos sozinho	1	0	18
Vai buscar a lancheira ao frigorífico	19	0	0
Resolve conflitos autonomamente	2	12	5
É autónomo a ir buscar os materiais necessários para realizar uma atividade	10	6	3
É autónomo na realização das atividades propostas?	10	8	1
As atividades rotineiras promoveram a responsabilidade e a autonomia (p.e. marcar a presença diariamente quando chegam à sala)	11	7	1

Apêndice E- Diário de campo

Segunda-feira, 18 de outubro de 2021

Chegada à instituição às 09:30 da manhã, sendo a hora do reforço matinal em grande grupo, formando uma roda onde todos se conseguem ver.

Após o reforço, a educadora cooperante coloca uma musica que o grupo aprecia e movem o corpo de acordo com essa música.

Ainda em roda, falam sobre o que fizeram no fim de semana e, posteriormente, realizam o plano do dia (onde escolhem as áreas que querem ocupar durante o dia, sendo possível escolher no máximo 2 e existindo um limite de crianças por área). De seguida, dirigem-se para as áreas escolhidas.

Mais tarde, às 11:00 da manhã sentam-se nas mesas de trabalho e começam o registo do fim-de-semana, onde dizem o que fizeram, a educadora, a auxiliar e eu íamos escrevendo o que diziam e eles copiavam. Depois tinham que ilustrar o desenho do registo feito.

Antes da hora de almoço, é tempo de brincadeiras no exterior.

Às 14:00 voltaram para a sala e começaram a construção de um mapa acerca de um passeio ao parque ribeirinho que tinham feito na semana anterior. Aqui tinham de referir pontos pelos quais passaram e fazer o itinerário.

Terça-feira, 19 de outubro de 2021

Às 09:30 da manhã a rotina era sentar em grande grupo, em roda e comer o reforço da manhã. De seguida, iniciavam-se as conversas com o grupo, que davam inicio ao dia.

Pelas 10:00 horas a educadora leu a história “O monstro da vergonha” de Ana Luísa Oliveira e realizou-se uma atividade cujo objetivo era procurarem letras que conhecessem em jornais e revistas e colassem numa folha branca, de modo a criarem palavras (mesmo que estas não existissem, porém tomavam consciência do sentido da escrita).

Antes do almoço, foram novamente brincar livremente no exterior.

Segunda-feira, 25 de outubro de 2021

A rotina matinal mantém-se, sendo que comem o reforço e têm diálogos em grande grupo.

Neste dia, leu-se a história “Medo do quê” de Rodrigo Abril de Abreu, pois o Halloween estava a aproximar-se e foi a iniciação para o tema festivo.

De seguida, fez-se um bolo de aniversário, pois uma criança tinha feito anos no fim de semana. As crianças participavam de forma ativa, colocando determinado ingrediente em certa quantidade numa vasilha para posteriormente mexerem e obterem a massa de bolo.

Antes do almoço, novamente foram para o exterior brincar.

Da parte da tarde, a educadora colocou as crianças a preencherem o Plano do Dia e dirigiram-se para as respetivas áreas escolhidas.

Terça-feira, 26 de outubro de 2021

A rotina matinal é sempre a mesma, ou seja, todos os dias as crianças sentam-se em grande grupo, formando uma roda, lancham o reforço da manhã e têm conversas para iniciar o dia.

A educadora colocou músicas “assustadoras” sobre o Halloween, e as crianças tinham de realizar movimentos corporais segundo indicações dadas pela educadora (o medo é grande e abre muito os olhos... o medo é pequeno e encolhe-se no chão...).

De seguida, iniciou-se uma atividade do Halloween, onde tinham que desenhar a figura humana e pintar toda de preto, cor associada ao medo.

A mesma rotina foi aplicada antes de almoço, as crianças puderam ir brincar para o exterior.

Terça-feira, 02 de novembro de 2021

A rotina matinal foi cumprida e ainda em grande grupo falou-se da reciclagem e viram-se vídeos da reciclagem.

Para a melhor compreensão das crianças, realizou-se uma visita ao exterior, para observar ecopontos e perceber o que se podia colocar em cada um.

De regresso à sala, iniciou-se a construção de ecopontos em cartão. Em pequenos grupos foram pintar os ecopontos (amarelo e azul, pois não se utilizava vidro em sala).

Quarta-feira, 03 de novembro de 2021

A minha intervenção iniciou-se com uma atividade de pintura. Foram apresentadas duas pinturas de Van Gogh e as crianças teriam que escolher uma e recriar.

Em primeira instância proporcionei todos os materiais às crianças. Posteriormente, em reflexão com a educadora compreendi que deveria ter deixado todos os materiais nos respetivos lugares, e deixar cada criança compreender o que necessitava ou não.

Deste modo, estaria a observar o nível de autonomia de cada criança.

Antes do almoço foram para o exterior brincar livremente.

Segunda-feira, 08 de novembro de 2021

A rotina matinal foi cumprida e em grande grupo viram-se ouriços das castanhas, pois o São Martinho aproximava-se.

Após a exploração destes ouriços, fez-se uma pesquisa sobre o ciclo da vida da castanha e, posteriormente, realizou-se um cartaz. Eu escrevia os dados que tínhamos descoberto e as crianças ilustravam essas informações.

Mais tarde, realizou-se o Plano do Dia e puderam ocupar as áreas escolhidas.

Quinta-feira, 11 de novembro de 2021

A rotina matinal foi cumprida e iniciou-se o Mapa de Presenças.

Para a construção deste instrumento de promoção da autonomia, levei uma cartolina com uma tabela de dupla entrada e, na primeira linha escrevi os dias da semana. Após a apresentação deste instrumento e respetiva explicação, cada criança escreveu o seu nome.

Foi possível observar a autonomia de cada criança, na escrita do seu nome e na escolha do material a utilizar.

Da parte da tarde, realizaram um ditado de palavras, onde estavam pequenos excertos da lenda de S. Martinho e as crianças tinham que ilustrar, consoante a educadora lia a lenda.

Sexta-feira, 03 de dezembro de 2021

A rotina matinal foi cumprida, e em grande grupo sugeri que se fizessem desenhos partilhados onde partiam de uma figura já desenhada na folha (círculos, linhas, ondas...).

Através desta atividade compreendi se as crianças se organizavam em grupos autonomamente, se escolhiam os materiais a utilizar (canetas, lápis, réguas e borrachas)

e como se comportavam a trabalhar em grupos, aceitando as ideias dos outros participantes.

A atividade foi um sucesso, e posteriormente, em conversas informais com a educadora esta refere que todas as aprendizagens das crianças são feitas em “andaimes”, ou seja, cada criança ao longo do tempo vai adquirindo novas capacidades e conhecimentos. Cabe aos educadores respeitar esses tempos e proporcionar experiências para que estes novos conhecimentos e capacidades sejam adquiridos.

Quarta-feira, 15 de dezembro de 2021

Após a rotina matinal, cada criança redigiu a sua carta ao Pai Natal, ilustrando o que queria e eu e a educadora, de seguida, escrevíamos o que eles diziam ter desenhado. Foram colocadas em envelopes e, cada criança, escreveu o seu nome na carta.

Da parte da tarde fomos colocar as cartas nos correios de Faro.

Segunda-feira, 10 de janeiro de 2022

Este início de semana deu-se com a apresentação dos Projetos realizados com as famílias, onde cada criança apresentou o seu projeto ao grupo. Esta partilha mostrou-se muito rica, pois as crianças estavam muito entusiasmadas de partilhar com todos as suas ideias e produções.

Após esta apresentação, individualmente, cada criança veio ter comigo para realizar uma entrevista, acerca de quem tinha ajudado na construção do projeto, na escolha dos materiais e na própria construção.

Da parte da tarde, em conversa informal com a educadora cooperante, abordámos a importância das famílias no ambiente escolar. Isto é, é fundamental existir um trabalho conjunto entre escola e família, devendo as ideias escolares seguirem para casa e vice-versa.

Quarta-feira, 12 de janeiro de 2022

A manhã iniciou-se com a rotina, e de seguida, iniciou-se uma atividade de exploração sensorial e desenvolvimento da autonomia, com recurso à história “A lagartinha muito comilona”.

O objetivo da atividade era a construção de espetadas de frutas, seguindo um padrão. As crianças tinham como objetivo, descascar e cortar as frutas em pedaços.

Quarta-feira, 19 de janeiro de 2022

Neste dia, fez-se uma exposição para todas as famílias da instituição visitarem, com os projetos realizados pelas famílias da sala.

Esta iniciativa teve uma adesão muito forte e, só prova que é muito importante permitirmos que as famílias participem na vida escolar.